

Os Comícios e a Construção da Pessoa (da) Política: representações de São Gonçalo do Sapucaí

Bruno Nogueira Guimarães

Graduando do curso de Ciências Sociais / UFMG

Palavras-chave: Eleições; Comícios; Rituais; Performance; Pessoa.

Key Words: Elections; Rallies, Rituals; Performance; Person.

RESUMO: Neste artigo abordo as práticas eleitorais das eleições locais de São Gonçalo do Sapucaí, Minas Gerais, em 2008. Enfoco particularmente os comícios, a partir de um estudo de rituais, demonstrando sua importância para a construção da pessoa política do candidato. Não obstante, aponto também como o estudo destas práticas pode nos revelar outros elementos da vida social daquela comunidade, mobilizados pelos políticos em sua busca por votos.

ABSTRACT: In this paper I make an approach to the electoral practices of the local elections of São Gonçalo do Sapucaí, Minas Gerais, Brazil, in 2008. I focus particularly the rallies, from a ritual studies approach, showing its importance to the performance of the political person of the candidate. Notwithstanding, I also point out how the study of such practices can reveal other elements of social life of that community, mobilized by the politicians on their pursuit for votes.

Qual Política?

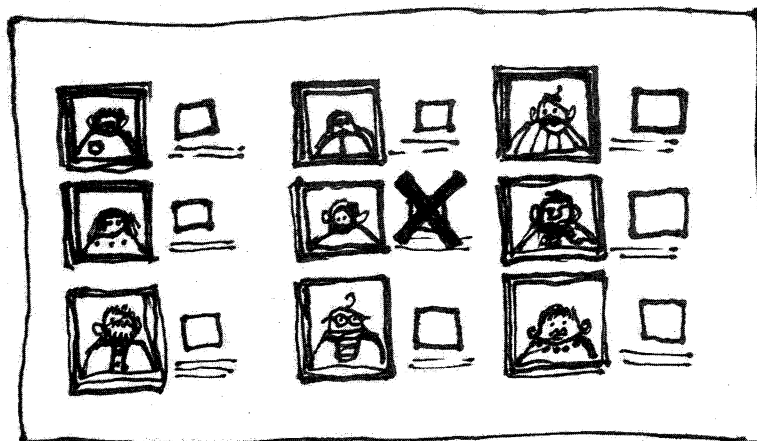
As ciências sociais, cada vez mais, problematizam a relação do eleitor com o voto, buscando respostas sobre o que motiva as pessoas a escolherem este ou aquele candidato. Diferentes perspectivas contribuíram para o debate, passando fronteiras disciplinares e métodos de pesquisa. Enquanto o estudo das eleições tem sido uma preocupação antiga da Ciência Política, recentemente a Antropologia engrossou a produção acadêmica sobre o tema, contribuindo tanto com marcos diferentes como com investigações inovadoras, por enfocarem diversos atores através de outros métodos.

O propósito deste artigo é mostrar como o político em campanha busca construir uma "identidade" e personificar determinadas qualidades que o ajudem a se eleger. Minha experiência de campo na cidade de São Gonçalo do Sapucaí - MG foi fundamental para observarmos os mecanismos por meio dos quais os candidatos agenciam certos elementos simbólicos na construção de sua *persona*.¹ Um grande número de textos no âmbito

da Ciência Política e áreas correlatas foi publicado tratando da importância da informação no processo de decisão eleitoral. No entanto, apesar dos vários trabalhos lidando com as formas pelas quais esta informação ocorre, estamos longe de exaurir as possibilidades de abordagem do tema. Parece-nos que a maior parte dos estudos trata a comunicação entre as partes como simplesmente intermediada², dando pouca importância ao meio pelo qual tal ocorre, ou relegando-o a segundo plano. A visão aqui é outra: interesse-me justamente pelo modo com que a comunicação se torna possível e é efetivada, pois tal está diretamente ligado ao bom (ou mal) desempenho do político na eleição. Ignorar a dimensão simbólica e performática da relação candidato-eleitor é, por vezes, pressupor um automatismo nas decisões que as partes vêem a tomar, como se em uma eleição não houvesse muito mais do que disposições objetiváveis calculadas pelos agentes. Distancio-me desta perspectiva e parafraseio Mariza Peirano: "a sociedade não é um ser nominal e de razão, mas um sistema de forças atuantes, e a eficácia das idéias e crenças precisa ser incluída

¹ "forma pela (per) qual ressoa a voz (do ator)" (MAUSS, 2003b: 385) - embora a explicação etimológica nos dada por Marcel Mauss receba ressalvas do próprio autor, a alternativa defendida por ele - a de pessoa enquanto máscara - não nos é menos instigante nem parece excluir a anterior. Parece-nos claro que o político deve construir uma imagem (máscara), que comunique e permita comunicar-se com o restante da população.

² Inspiro-me em Bruno Latour (1994) para a distinção entre "mediado" (em que o meio pelo qual um acontecimento ocorre é relevante) e "intermediado" (no qual o meio não possui papel algum). Lembro que Latour se debruça principalmente sobre as práticas de "purificação" da Constituição Moderna, ao passo que o interesse aqui é apenas tomar seus termos de empréstimo, para outros usos nos quais eles também caíam bem.



na análise explicativa, somando-se à ação, para que se identifique os mecanismos de movimento e de reprodução da sociedade." (2002, p. 23). É igualmente relevante entender tanto os valores e códigos mobilizados pelos agentes como a forma pela qual o fazem.

Um segundo ponto balizador da análise que desenvolvo é retomar a noção de *fato social total* (MALINOWSKI, 1976; MAUSS, 2003a), visando desfazer a divisão da vida social em "esferas", como ela sido concebida no pensamento ocidental (em que postulamos uma "esfera política", uma "esfera religiosa", uma "econômica", dentre outras). A tradição antropológica nos lega a lição de que estes compartimentos são quimeras e seus mecanismos de purificação raramente se verificam na prática – no mais das vezes, aquilo que pensamos ser um fenômeno político está impregnado de valores religiosos e interesses econômicos, por exemplo.³ Ao tomarmos a antropologia como a "ciência social do observado" (LÉVI-STRAUSS, 2008, p. 385), em que nos voltamos para o estudo do pensamento nativo e da realidade apreendida através dele, abrimos mão de uma perspectiva normativa em favor de apurarmos nosso potencial explicativo. Acompanhada da certa dose de relativismo implícita acima vem a assertiva de Peirano:

"Perspectiva antecipada nos clássicos da disciplina, uma antropologia da política parte da suposição básica de que a categoria 'política' é sempre etnográfica – quer para aqueles que são observados, quer para o próprio investigador. Tal passo é fundamental para resolver os problemas tradicionais sobre a coincidência, semelhança ou distância entre os valores do pesquisador e o universo pesquisado, com o consequente obstáculo que se detecta em relação à percepção das diferenças – nóculo fundamental para o refinamento teórico. Tal procedimento tem mais uma dimensão importante: ele implica em colocar como sistemas de valores e de conhecimento tanto a política investigada quanto a política definida e legitimada pelos padrões ocidentais modernos, deslegitimando premissões essencialistas, sociocêntricas e conformistas" (PEIRANO, 1997, p. 22)

Está claro que a proposta de se realizar uma antropologia da política só poderá ser bem-sucedida se, de antemão, implodirmos os Grandes Divisores, ou os desnaturalizarmos, tanto em um plano mais geral (GOLDMAN & LIMA, 1998; LATOUR, 1994) como no que diz respeito às nossas concepções de 'política' e como lidamos com elas (DELEUZE & GUATTARI, 1996). E, se seguirmos a idéia de que a categoria política é sempre etnográfica, como é o caso, temos como desdobramento imediato a existência de várias políticas, a serem-nos apresentadas pelo campo. Com qual política, então, estamos lidando? Esta pergunta guiou-nos a São Gonçalo do Sapucaí, cidade do interior de Minas Gerais, com

o intuito de experimentarmos, brevemente, o município no ápice de seu período eleitoral.

Cartografia Política de São Gonçalo do Sapucaí

Um breve panorama da história política recente de São Gonçalo do Sapucaí é indispensável para compreendermos os acontecimentos do ano de 2008.

O município de São Gonçalo do Sapucaí está situado no sul do estado de Minas Gerais, a 340 km da capital Belo Horizonte (com acesso pela BR-381, a Rodovia Fernão Dias), em uma região com economia baseada principalmente nas atividades agrícolas e pecuária⁴. Com 22.308 residentes em 2000 (segundo o censo daquele ano) e 23.523 estimados para julho de 2008 pelo IBGE, a cidade não realiza segundo turno⁵. O número do eleitores em 2004 foi 16.873, com 14.685 votos válidos. Nas últimas eleições municipais, o comparecimento às urnas totalizou 14.978 pessoas, com 13.880 votos válidos.

Os últimos prefeitos de São Gonçalo do Sapucaí foram Akira Yamaguchi (2005-2008), Terezinha Allerand (2001-2004) e Elói Radim (1992-1995 e 1996-2000). Terezinha é mulher de Elói, que governou a cidade por duas vezes e é visto por muitas pessoas como uma encarnação atualizada do coronelismo – enquanto estivemos em São Gonçalo ficaram patentes os extremos em que Elói se situava para a população local: ou ele é amado e tido como alguém que fez muito pela cidade, ou então é caricaturado como um político de conduta duvidosa, que utilizou os bens públicos em favor de seus fins privados. Após ter sido eleito duas vezes prefeito de São Gonçalo, em 2001 foi a vez de sua mulher ocupar o posto. Ao tentar a reeleição, Terezinha foi derrotada pelo médico Akira Yamaguchi: a candidata do PSC obteve 4.371 votos, 29,8% do total, contra 6.912 (47%) do prefeito eleito pelo PSDB. Muitos viram a derrota de 2004 como o início do declínio do grupo de Elói, que havia feito sua fortuna nos anos anteriores.

Se, por um lado, a concepção que os são-gonçalenses possuem de Elói divide a cidade, por outro, o governo de Akira Yamaguchi é unanimidade: sobram críticas ao prefeito, acusado de corrupção e supostamente envolvido em um escândalo com sua secretária. Sua administração é tão mal vista pela população que Akira não apoiou nenhum candidato (nem mesmo o de seu partido, PSDB), nem fez qualquer tipo de aparição pública. Eleitores e candidatos lembraram seu nome apenas para ilustrar a má situação que o município se encontrava, em especial na área de saúde, com muitos dizendo que já haviam atingido o "fundo do poço". O fraco desempenho do médico como prefeito foi um golpe duro para aqueles que votaram nele, depositando tanto as esperanças de superarem a imagem de uma política ultrapassada que Elói representava (aquele ligada à imagem clássica do chefe local, que possui exemplificação ideal

³ Peirano (1997), ao propor uma "antropologia da política", aponta como seu principal diferencial em relação à antropologia política e à ciência política a inexistência de uma predisposição a compartimentar a realidade vivida em diferentes domínios ou sistemas ("sistema político", "sistema jurídico"...). Desse modo, não se cede às pressões de uma ideologia moderna que define de antemão o que é o "moral", o "político" ou o "econômico", permitindo-se resgatar o programa clássico de Mauss e Malinowski.

⁴ Com a implementação dos pedágios da Fernão Dias – um deles muito próximo de São Gonçalo –, boa parte dos moradores com os quais mantive contato disseram que os recursos para a administração da cidade deveriam aumentar muito; percebiam nesta nova fonte de renda municipal uma das principais justificativas para o grande número de candidatos a prefeito, que estariam interessados, de alguma forma, em uma parcela do montante advindo da nova cobrança.

⁵ Apenas cidades com mais de 200.000 eleitores realizam o segundo turno no Brasil. No ano de 2008, em Minas Gerais, apenas Belo Horizonte, Betim, Contagem, Juiz de Fora, Montes Claros, Uberaba e Uberlândia eram aptos a ter segundo turno, o que não foi necessário no caso dos dois últimos municípios nem de Betim, que tiveram candidatos à Prefeitura eleitos com mais de 50% dos votos válidos já no início de Outubro.

em LEAL, 1949)⁶ como a crença em um modelo moderno de conduzir a máquina pública. Terezinha se aproveitou da circunstância e o mote de sua campanha foi "a volta do desenvolvimento", claramente trabalhando com a oposição do último governo com o seu e de seu marido. Os outros três candidatos à Prefeitura Municipal também não deram trégua à administração de Akira durante suas campanhas e todos tentaram demonstrar uma ruptura com o então prefeito.

Dos outros três, apenas Benedito Álvaro Cunha, o Dito Cunha, já havia participado diretamente da política local, sendo o terceiro vereador mais votado em 2004 (370 votos). Ivan Gutward Lemos - Ivan da GTW - um empresário e industrial do município, e Ivan Lemos Brandão - Ivan Brandão - um agricultor de grande porte da região, são candidatos pela primeira vez a um cargo público.

Todos os quatro que se propuseram prefeitos da cidade são bem conhecidos da população e poderiam se encaixar em uma definição abrangente de "figura pública". Por conta do destaque que já gozavam antes de 2008 e de sua intensificação durante o período eleitoral, uma série de boatos e rumores passou a correr sobre os candidatos. Não obstante, notícias de jornal e cartas se dirigindo à população (assinadas ou apócrifas) circularam, fazendo juízos e noticiando acontecimentos que supostamente envolviam os candidatos. Passar pelas ruas de São Gonçalo durante o período eleitoral é experimentar um momento de exceção na vida dos moradores - dificilmente o visitante não avistará as "meninas das bandeiras" (mulheres - e homens - que agitam bandeiras com o número do candidato e vestem uniformes com as suas cores), carros de som tocando os *jingles* das campanhas ou verá uma passeata com os candidatos fazendo "corpo-a-corpo". Assim, podemos nos valer da distinção de Moacir Palmeira (1996) entre "tempo da política" e o restante da vida social da comunidade, em que "tempo da política" remete ao período eleitoral como um momento de exceção na vida cotidiana, implicando em uma ruptura que mobiliza as pessoas para as atividades político-eleitorais⁷.

O que tentarei fazer a partir de agora é dar um passo à frente, buscando pensar a "pessoa da política" e como ela é constituída. Adianto algumas idéias que levaram à formulação do conceito - em primeiro lugar, percebe-se claramente uma distinção entre aqueles que são "da política" (isto é, que se envolvem com atividades políticas) e aqueles que não pertencem a este mundo. A "política", nestas situações, costuma ser vista como algo negativo e sujo; aqueles que se envolvem com ela, acredita-se, geralmente o fazem em benefício próprio. Por outro lado, as pessoas que se envolvem com a "política" também são tidas como detentoras de *acessos* (o termo é de KUSCHNIR, 2000), ou seja, elas possuem prerrogativas para alcançar provimentos que os demais membros da população não conseguem - seja um emprego, uma vaga na escola para o filho ou um atendimento diferenciado no posto de saúde.⁸

Uso a preposição "da" tanto por indicar o pertencimento da pessoa à concepção nativa de "política" quanto para uma analogia explícita à noção de "tempo da política": assim como o "momento da política" é visto como uma exceção no cotidiano, a "pessoa" que é da política - e a que se integra às atividades eleitorais naquele período - também não é a pessoa padrão encontrada no restante do tempo (nem no restante do município).

O uso analítico da noção de "pessoa" rendeu bons frutos no decurso da antropologia e permite lançar luz sobre diferentes concepções dos membros de uma comunidade. Se, conforme nos informa Mauss (2003b), "pessoa" é uma categoria "delicada, preciosa, passível de maior elaboração" (p. 369), ela o é tanto por não ser fixa e universal para toda a humanidade, quanto por condensar uma série de valores que dizem respeito às percepções daqueles que compartilham de seu significado. Assim, "pessoa", tal "política", será sempre uma categoria etnográfica. Como afirma Chaves, "*pessoa* não é apenas uma categoria investida de valor, como possui, além disso, um significado capital na vida política. É exatamente o conteúdo significativo da *pessoa* que confere a seu emprego eficácia política durante as campanhas eleitorais" (1996). Ser considerado uma "boa pessoa" é condição *sine qua non* para ser considerado um "bom político".

Com base em minhas observações em São Gonçalo do Sapucaí, faço uma distinção entre as "pessoas da política" - elas podem ser vistas assim de uma forma mais flexível ou enrijecida. O primeiro caso ocorre com aqueles que simplesmente fazem campanha para os candidatos e são diferenciados do segundo grupo, que são os que possuem ou buscam um cargo público ou uma ligação forte com alguém importante dentro do Estado. A distinção aqui é grande, e pode ser simplificada como aqueles que estão *dentro* da máquina estatal (ou querem entrar) e os que estão *fora*. Claramente as identidades se contaminam, com os apoiadores sendo identificados como membros do grupo de seu candidato, e o candidato, evocando a célebre imagem do Leviatã, sendo composto por aqueles que o apóiam e pela dimensão deste apoio. A análise que encadeio a seguir se debruça sobre a forma com a qual o candidato tenta construir uma imagem que seja eficaz para o bom andamento de sua campanha - isto é, como ele constitui a sua "pessoa", em busca de votos.

Os Comícios: símbolos e significados

A partir de uma passagem de meu caderno de campo, descrevo e analiso o primeiro comício da semana final das eleições. Logo ao chegarmos a São Gonçalo, na segunda-feira, vinte e nove de setembro, fomos informados que ocorreriam comícios dos quatro candidatos à prefeitura nos próximos dias - Terezinha Allerand faria seu comício naquela noite. Os outros três candidatos

6 A esta concepção corresponde o político que pertence à elite econômica da região e domina parte razoável do setor produtivo local. À tipologia do chefe local - o coronel - atribui-se práticas escusas, como compra de votos, com vistas à auto-perpetuação no poder, que este mandatário utilizaria em favor próprio, em detrimento da população. Elói Radim é associado a esta imagem por alguns moradores da cidade, enquanto que seus defensores ou negam as críticas com veemência, ou as ignoram respondendo tudo o que ele já teria feito por São Gonçalo.

7 Faço a ressalva de que, se para Palmeira (1996) o "tempo da política" é uma categoria nativa - ou seja, que foi apresentada a ele pelo campo - este não é o caso aqui. Não escutei muitas referências às idéias de "tempo da política", "época da política" ou "momento da política" em São Gonçalo do Sapucaí, muito embora a forma dos habitantes de se referir dar significado à situação pela qual passavam era a mesma descrita por Moacir Palmeira em relação aos seus interlocutores e ao sentido atribuído ao "período da política" e seus sinônimos.

8 Chamo a atenção para este último item, pois foi recorrente, nos discursos dos candidatos às vereanças, a má situação dos serviços de saúde pública de São Gonçalo e o atendimento diferenciado recebido por pessoas próximas aos atuais políticos.

estavam dispostos nas noites seguintes - Ivan da GTW na terça, Ivan Brandão na quarta e Dito Cunha na quinta-feira, último dia para se fazer comício conforme disposição da Justiça Eleitoral. Os comícios, marcados geralmente para as dezoito horas, começavam com atraso de pelo menos quarenta minutos e se estendiam até as vinte e duas horas, o máximo permitido. Após observar o comício de Terezinha, tive certeza da importância daquele tipo de evento para as pessoas que dele participam e para os demais habitantes, que no dia seguinte perguntam e discutem a respeito. Sem ignorar os outros fenômenos que mobilizavam a população, enfoco com maior intensidade a análise dos comícios, tanto por este constituir um evento ritual, festivo e performático por excelência, como por lançar luz sobre a dimensão simbólica da comunicação das pessoas com os candidatos. Assim, sou levado a reconhecer a importante presença de outras práticas durante o período eleitoral, como os já ditos rumores, escândalos, passeatas, carros de som, etc., e, se eles aqui não são abordados com mais vigor, é mais pela limitação do espaço e pela proposta de se estudar os comícios do que por uma hierarquia colocada pelo campo. A seguir, reproduzo minhas anotações feitas em São Gonçalo, tratando do comício dos candidatos do PSC, Terezinha Allerand e seu filho Alamiro (conhecido como "Alamiro do Elói"):

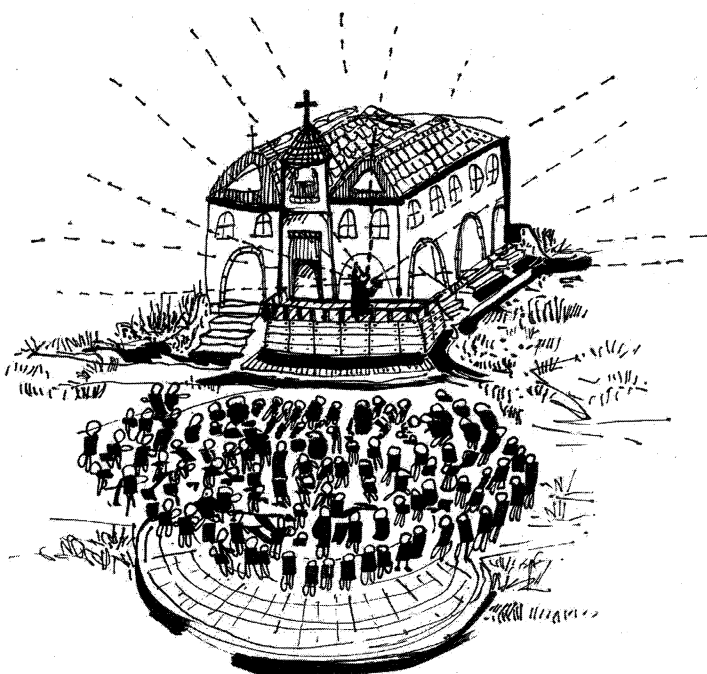
"O local escolhido para o comício era a Avenida Brahim (pouco mais larga que uma rua comum), logo em frente à Igreja Matriz e abaixo da Rua Direita, ponto de encontro noturno movimentado e freqüentado principalmente pela população jovem. O palanque era um caminhão aberto, disposto lateralmente, com grandes caixas de som que, além de tocarem o *jingle* da campanha incontáveis vezes, ocultavam também as pessoas que deveriam entrar no palco quando convocadas pela "mestre de cerimônias", uma mulher que apresentava as figuras ilustres que apoiavam a candidatura, dava recados para os espectadores, controlava o som ("um instantinho, DJ", "som na caixa, DJ", "abaixa um pouquinho, DJ") e instruía

o eleitor como proceder durante as eleições: "no dia cinco você chega lá, vai na cabine, pára, respira fundo e pensa em tudo aquilo que Elói e Terezinha já fizeram por São Gonçalo. Aí, você vota no vereador de sua preferência, digita o número dele e aperta o verdinho, 'confirma'. Depois, você vota na nossa prefeita, digita 20, vê a cara da Terezinha lá, aperta o verde e confirma! Aí você põe um sorriso no rosto porque você sabe que fez a sua parte." - isto foi dito várias vezes antes do comício "começar", enquanto a "mestre de cerimônias" falava também que "já já eles chegam, gente" e a música da campanha se fazia ouvir.

A partir das 20:00, já era possível perceber a presença de algumas centenas de pessoas na área do comício (às 19:00 não havia ninguém, como se soubessem que o comício não iniciaria no horário informado), com um carro da polícia militar próximo ao local e um grande número de "meninas das bandeiras", como eram chamadas as mulheres que vestiam as cores roxo e rosa, do PSC, e balançavam flâmulas com o 20 estampado. [...] Quando mencionadas, as "meninas das bandeiras" gritavam, alegres, e balançavam as bandeiras com mais vigor, o que ocorreu algumas vezes durante o evento, com os repetidos agradecimentos da "mestre de cerimônias" e dos candidatos pelo trabalho delas.

Boa parte dos presentes, que a certo ponto do comício já deviam somar mais de quinhentos, estavam ali com a família - marido, esposa e crianças. Tal parecia extremamente normal para eles e muitas crianças dançavam e cantavam o *jingle*. Não deixava de ser curioso o fato de haver ali tantas pessoas que não poderiam votar, mas que ainda assim manifestavam seu apoio à candidatura de Terezinha. A "mestre de cerimônias" também pedia para que aqueles que tivessem seus pais idosos os levassem para votar, "afinal eles também são brasileiros e possuem direito".

Quando o nome de Elói era mencionado, um grande número de pessoas, concentradas na frente do palanque, gritava "Elói, Elói, Elói" e muitas vezes as frases ditas eram em defesa dele



e exaltavam as suas qualidades, aquilo que ele já tinha feito pela cidade e que ele poderia fazer muito mais. A "mestre de cerimônias" dizia que "Elói não pôde estar aqui, mas ele está representado no palco", ou mesmo (e com mais freqüência), que "Elói não está aqui em cima, mas está ali" e apontava para o lado esquerdo ao alto. De fato, era possível ver, em um prédio a cerca de vinte metros de distância, o antigo prefeito, na sacada de seu apartamento, observando o comício de cima. Quando me aproximei de um espectador e perguntei "onde está o Elói?" e "porque ele não está aqui?", ele o apontou e disse que "é porque ele está sendo processado, coitado, coisa de juiz... uma sacanagem". Elói acenava para a multidão sempre que era mencionado e ovacionado.

Com o que seria o início do comício, a "mestre de cerimônias" apresentou e convidou os candidatos a vereador, um a um, a entrarem em cena - todos estavam vestidos com as cores do PSC. Em seguida, foi a vez de dois deputados e outras figuras de destaque da cidade, como um locutor de rádio. Os candidatos a vereador discursaram, criticando a situação e dizendo que eles, Terezinha e Alamiro fariam "a volta do desenvolvimento". Alguns assuntos foram tocados várias vezes, como a situação da saúde ("falta remédio no postinho e o atendimento é precário") e a ausência de boas escolas e empregos ("nossos jovens estão indo ganhar a vida nas cidades vizinhas"). Em muitos momentos se disseram pessoas do povo, insatisfeitas com os atuais membros da Câmara Municipal. Depois, foi a vez dos deputados manifestarem seu apoio e comprometimento com a candidata e com São Gonçalo do Sapucaí. O tempo que cada deputado discursou foi consideravelmente maior do que os candidatos às vereanças. Falaram, essencialmente, de tudo o que já haviam feito pela cidade, captando recursos em Brasília; também ressaltaram a importância de se eleger Terezinha e seus vínculos com a candidata, o que certamente possibilitaria maior ajuda futura.

Logo após os deputados, foi a vez da família de Terezinha, Alamiro e Elói entrar no palco. A irmã de Alamiro, sua mulher, filha, genro, dentre várias outros parentes foram apresentados, tomando a cena. Os candidatos às vereanças foram para o fundo do palco, sendo quase completamente ocultados pelos membros da família que estavam no centro; os deputados ficaram nas laterais. Os familiares discursaram: a filha de Alamiro, Natasha, que deve contar por volta de dez anos de idade, pediu que votassem em seu pai e sua avó, pois "dia cinco é meu aniversário" e pediu o voto de presente. Giselda, filha de Terezinha e irmã de Alamiro, disse que dias atrás estava em um comício de outro candidato, quando um de seus correligionários falou palavras de baixo calão de sua família, que ela iria responder ali: "a minha família tem um concreto que a mantém unida, e esse concreto é muito forte e se chama Jesus, coisa que a sua família não tem!" - novo momento de êxtase dos presentes, em especial os concentrados perto do palco, que voltam a gritar "Elói, Elói, Elói".

Os últimos dois convidados a entrarem no pal-

co foram Alamiro e Terezinha, nesta ordem e ao som do *jingle* da campanha⁹. Alamiro fez sinal de positivo e de confiança, discursou alto, criticando a atual gestão da prefeitura. Terezinha entrou com um grande sorriso, apontando para os presentes e levando as mãos ao peito, principalmente quando a música cantava "é Terezinha bate forte coração". O comício não poderia se estender muito mais, visto que já passava de 21:30 e a determinação é que ele se encerre até as 22:00. Terezinha agradeceu o apoio de todos, das "meninas das bandeiras", dos deputados e do povo. Dialogou com o deputado federal, dizendo que ele já tinha feito muito por São Gonçalo, e, quando ele viesse em dois anos pedir os votos dos moradores, que eles não deveriam se esquecer de tudo que ele trouxe para o município e votar nele. Ele também, por vezes, tomou a palavra e manifestou o apoio recíproco, agradecendo e dizendo que Terezinha era a melhor opção para a cidade.

Nos discursos, em especial de Terezinha, do deputado e da "mestre de cerimônias", o lema da campanha - "a volta do desenvolvimento" - aparecia com grande freqüência, bem como a idéia de "não trocar o certo pelo duvidoso", mencionando tudo aquilo que Terezinha e Elói haviam feito nas administrações passadas. Quando o nome deste último era mencionado, por vezes tomava forma um coro gritando seu nome, principalmente por parte das pessoas mais próximas ao palco. A música alta, que tocava sempre que não havia ninguém falando no palanque, era cantada por muitos dos que ali estavam, em especial mulheres e crianças, que também a dançavam.

O comício terminou com aqueles que estavam no palco dando as mãos: em primeiro plano, a família dos candidatos, com Terezinha e Alamiro no centro; os deputados estavam por perto, ao lado; a "mestre de cerimônias", à direita de quem vê o palco, sem tampar os demais. No fundo, atrás de todos, os candidatos a vereador pelo PSC. Pediu-se um minuto de silêncio para uma oração, que logo deu lugar novamente à repetida música. Balões jogados de cima dos prédios de poucos andares, sobre os eleitores. O *jingle* da campanha, a festa em cima do palanque e as pessoas, se dispersando."

A comoção que um comício causa no dia seguinte é grande; várias pessoas se perguntam pelo "tamanho" do mesmo, querendo saber quantos haviam comparecido e se "estava bom". Os comícios eram vistos não só como o espaço para o candidato se comunicar com os eleitores, era também um local para se manifestar força e prestígio, razão pela qual era importante a presença de um grande público. Lembrando a formulação mertoniana de "*self-fulfilling prophecies*"¹⁰ (MERTON, 1996), as pessoas parecem acreditar que o candidato com o comício mais cheio é o que acabará se elegendo - um comício com grande público revela a adesão daquelas pessoas. Conforme salientaram Palmeira e Heredia (2006)¹¹, a escolha de um candidato não implica apenas em votar nele, mas em passar a pertencer a um grupo identificado com o político em questão, espe-

9 O jingle era composto dos seguintes versos, tocados em dois tempos (binário) com ritmo sertanejo: "Êêêê Terezinha / e Alamiro é o vice que prefiro / É saúde, é confiança / honestidade, é esperança / é trabalho, educação / é Terezinha bate forte coração / Êêêê Terezinha / e Alamiro é o vice que prefiro". Após a repetição dos últimos versos, volta-se ao início (os mesmo versos, eles são tocados duas vezes) e o jingle - este e os dos demais candidatos - não possui fim.

10 A noção de "profecias que se auto-cumpram" remete a idéias que, ao aventarem a possibilidade de que algo ocorra, acabam por contribuir, elas próprias, para que de fato o acontecimento tome lugar. No caso, dizer-se que determinado candidato será eleito possui a força de efetivamente elegê-lo, na medida em que as pessoas veriam que um largo contingente aderiu à sua campanha e se convenceriam a votar nele.

11 Ver, também, PALMEIRA 1996.

cialmente nos casos em que a manifestação da intenção de voto é pública (como no caso de quem vai a um comício). Não obstante, freqüentemente membros da mesma família votam no mesmo candidato, significando que um grupo (o familiar) aderiu a outro (o do político). Assim, a presença massiva em um comício credencia o político a ser prefeito (ou vereador), e torna-se quase que natural, para a população, que aquele que teve o comício mais cheio ganhe as eleições.

Além deste significado, destaco também os variados elementos mobilizados na *performance* do candidato, com vistas a construir uma imagem eficaz. Idéias-valores de "desenvolvimento" e "mudança" orientavam os discursos de todos que se propunham prefeitos de São Gonçalo, embora houvesse variações e particularidades. Era a partir destas noções que se tornava possível falar de uma reativação do sistema de saúde, do aquecimento da economia local, da criação de novos empregos, da melhora da educação e da resolução dos problemas de segurança. Não obstante, o candidato não poderia se ater apenas àquilo que usualmente confinaríamos à esfera política - deve fazer uso de elementos relevantes para toda a vida social do meio em que se encontra. Destaco aqui a *família* e a *religião*.

Desde as observações do seminal "Os Comícios e a Política de Facções" (PALMEIRA & HEREDIA, 1994), muitas mudanças ocorreram na política brasileira - institucionais ou não. Se o palanque era caracterizado pela presença de "*artistas, autoridades e convidados*" (Ibidem, p.44), ao lado dos candidatos, a proibição dos showmícios inviabilizou a presença dos primeiros no palco. A ausência destes, responsáveis não só por angariar público, como também por intermediar e reforçar a comunicação entre os "de cima" e os "de baixo"¹², quebrando a formalidade da ocasião e revelando uma adesão que é externa à "política" (à qual pertence a maior parte dos que sobem no palanque), pesa sobre os demais realizadores do comício - em especial os apresentadores - que são incumbidos também de animar o público e mantê-los atentos o máximo possível.

Nos comícios de São Gonçalo, os familiares desempenham uma função análoga ao que os artistas uma vez realizaram¹³: representam um vínculo que é externo à "política" e caracterizam seu candidato como um "bom pai", "bom filho", "bom marido", enfim, "boa pessoa", condição *sine qua non* para se ser um "bom político". Este discurso, que transcende a "política", é apelativo aos presentes, que comparecem também em família. Os "de cima" reproduzem aquilo que os "de baixo" apresentam, estabelecendo uma identificação mútua e retroalimentada, revelando-nos o modelo familiar tradicional, valorizado pela comunidade local: a figura paterna em destaque, em um casamento bem sucedido, com filhos alegres e saudáveis. A união familiar é de extrema importância, assim como a demonstração de *felicidade* - posto que, neste contexto, uma família desunida certamente não pode ser feliz. O político deve se mostrar como um "homem de família" e

receber o reconhecimento e o carinho dos seus. O pai de família deve ser tanto bondoso quanto forte, severo quando necessário, e capaz de sustentar sua casa. Dito Cunha teve que lidar com estas questões: seus vinte e nove anos não contribuíam para uma imagem do estereótipo do chefe familiar tradicional; além disso, um de seus adversários o criticou por sua suposta falta de emprego (apesar do candidato, na ocasião, ser vereador na Câmara Municipal), colocando em risco suas capacidades como provedor familiar. Em seu discurso no comício, rebateu as críticas e reforçou suas qualidades como marido e filho, por meio principalmente da presença de seu pai (já bem idoso e demonstrando dificuldades para falar, o que contribuiu para a vibração de quem assistia ao comício) e esposa, que testemunharam a seu favor. Por contraste, Terezinha Allerand, a única mulher a concorrer à Prefeitura, mostrou-se amável e acolhedora, mandando beijos ao público, fazendo como se o abraçasse e colocando as mãos no coração - alimentando uma imagem materna. Seu filho, Alamiro *do Elói*, subiu ao palanque com os braços levantados, punhos fechados, em uma postura vencedora, revelando garra e gana. A caracterização de "bom político" passa antes pelo credenciamento como "boa pessoa", e tal obedece às disposições previamente estabelecidas nas estruturas familiares.

Também a religiosidade regional vem à tona aqui: os comícios de São Gonçalo sempre eram encerrados com uma oração - geralmente o "Pai-Nosso" - e, após a reza, poder-se-ia tocar nos auto-falantes músicas religiosas (nas quais Jesus Cristo era constantemente mencionado), como foi o caso do comício de Dito Cunha. Mesmo que fosse manifesto o respeito às demais religiões (no momento da oração final pedia-se para rezar o "Pai-Nosso" ou outra oração que a pessoa preferisse) e não houvesse nenhuma presença eclesial nos comícios, agradecimentos a Cristo eram sempre feitos por quem estivesse com a palavra, bem como a santos específicos, com menor freqüência.¹⁴ Não obstante, se os comícios constituem também tentativas de dar novo valor a um espaço, colocando-o como co-extensivo a determinado grupo político, como já apontaram Palmeira & Heredia (Ibidem, p. 36) e Kuschnir (2002), todos os comícios em São Gonçalo aconteceram em praças - e todas as praças possuem, a seu lado, uma Igreja Católica. Nesta via de mão dupla, se tanto os candidatos buscam mostrar como aquele lugar os pertence, é inevitável que eles também sejam absorvidos pelos significados locais que os antecede - e, assim, o catolicismo torna-se marcante para a identidade do comício e dos candidatos. Assim como um mau pai de família dificilmente poderia ser uma boa pessoa na avaliação pública, um mau católico passaria pelos mesmos problemas.

A eficácia da comunicação do político e de sua caracterização como "bom político" ou "boa pessoa" depende de como o mesmo interage com as instituições acima citadas (família e religião) e as categorias relevantes para os eleitores (como a

¹² A distinção entre os "de cima" e os "de baixo" aparece em Palmeira & Heredia (1994), referindo-se respectivamente, àqueles que sobem no palanque e os que não o fazem.

¹³ Baseio-me aqui na descrição de Palmeira & Heredia (Idem) a respeito do papel desempenhado pelos artistas.

¹⁴ Dito Cunha agradeceu a São Pedro por não ter chovido em seu comício, conforme era a previsão meteorológica para a ocasião.

"mudança" e o "progresso"). A identidade do candidato não é algo fixo e constantemente é colocada em xeque – tanto pelo risco do mesmo não se eleger como pelas diferentes visões que são lançadas a ele, como a de seus opositores e seus correligionários. Kuschnir (2000; 2002) aborda com maior vigor a relação entre as práticas dos políticos em momentos eleitorais e a construção de sua identidade; com sua ocupação ameaçada – no caso dos que buscam a reeleição –, e sempre preocupado com sua imagem – na condição de uma "figura pública" em um momento crítico que decidirá seu futuro –, o candidato adota diferentes estratégias tendo em vista a criação de uma identidade mais próxima com o povo, que englobam desde manifestações de comprometimento com os moradores a rituais de comensalidade.

Conforme dito, ao entendermos os rituais eleitorais à luz da noção de "fato social total", ou seja, acontecimentos que mobilizam representações sobre toda sorte de instituições e idéias potentes na vida daqueles que deles participam, fica claro que está em jogo não apenas a fabricação da imagem do político enquanto político, mas enquanto uma pessoa séria, cristã, honesta, de boa família, trabalhadora.¹⁵

Os Comícios: estruturas e disposições

Também chama a atenção a estrutura comum a todos os comícios realizados na semana anterior às eleições – e, ao que tudo leva a crer, aos demais comícios que não pude comparecer. Existe uma ordem nos acontecimentos: inicia-se com o mestre de cerimônias e os *jingles*, em um momento "pré-comicial", isto é, em que se está esperando a chegada de todos os vereadores, o aumento do público, ou qualquer ajuste final; entram em cena os candidatos às vereanças, que discursam brevemente (em alguns casos alguns candidatos tiveram seus microfones emudecidos por se demorarem em suas falas) e passam ao fundo do palco, onde assistem imóveis até o fim; dão lugar então aos deputados, que falam com maior liberdade, podendo se movimentar pelo palco e não se atendo a limites de tempo. Além disso, e ao contrário dos candidatos a vereador, não pedem votos para si, mas para o candidato a prefeito, exaltando suas qualidades e ressaltando o bom relacionamento que possuem. Após os deputados é a vez da família dos candidatos (a prefeito e a vice) aparecer – cada um dos membros da família recebe a palavra e diz coisas positivas sobre o caráter dos candidatos, também gozando de uma flexibilidade de tempo e espaço. O auge do comício é a entrada em cena daqueles que visam a Prefeitura Municipal, que agradecem a presença do público, fazem promessas (muitas vezes dizendo que não vão prometer nada) e criticam a situação atual, oferecendo soluções – os candidatos aqui dispoem de todo o tempo e mobilidade no palco possível; por vezes dialogam com os deputados e se dirigem com frequência

à população, que responde com ovações. Ao final, temos a oração, feita em silêncio ou ao som de uma música religiosa – o candidato agradece, demonstra confiança, e, com grande foguetório e aos sons do *jingle*, o comício se encerra. Como afirmam Palmeira & Heredia (1994), "o espaço do palanque é, ele próprio, hierarquizado" (p.48) e os comícios "se desenvolvem numa seqüência temporal que vai de um início mais fraco a uma clímax no final" (p.55) – à medida em que a expressividade daqueles que se sucedem "em cima" aumenta, o caráter festivo do comício se acentua e o mesmo fica cada vez mais animado.

É importante salientar que esta estrutura não é engessada, abrindo espaço para improvisos e pequenas rupturas: Ivan da GTW esteve presente no palco durante todo o seu comício, atuando como apresentador e fazendo as vezes de anfitrião. Ivan da GTW e Ivan Brandão não contaram com deputados em seu comícios – o primeiro fazia questão de declarar que "meus deputados são esses daqui", referindo-se aos empresários que estavam no palanque e que ele dizia que traria para São Gonçalo, com suas indústrias. Brandão, por sua vez, prejudicado pelo atraso do deputado que estava em um comício em uma cidade vizinha, pediu que as pessoas esperassem. Antes de o deputado chegar (e bem depois das 22:00, horário máximo para o comício segundo a Justiça Eleitoral), a praça se esvaziou, deixando o candidato sozinho no palanque.

Está claro que quem é o responsável pelo comício e o centro das atenções é o candidato a prefeito. Os que tentam se tornar vereadores são, no mais das vezes, obscurecidos e, em virtude disso, diferenciam-se pouco uns dos outros, sua presença ali servindo mais para aumentar o prestígio do candidato a prefeito. Com o deputado ocorre justamente o oposto, uma vez que ele é visto como alguém de extrema importância para o município. O deputado lembra todas as suas realizações e captações de recursos para a cidade, dizendo que com aquele candidato as coisas vão melhorar; que, se aquele candidato for eleito, eles trabalharão juntos. O candidato muitas vezes retribui o gesto falando que o deputado é bom e que, quando chegar a hora ("daqui a dois anos"), todos deverão reconhecer seu trabalho e votar nele. A lógica da relação deputado-prefeito opera através da noção de *acesso* (KUSCHNIR, 2000), em que o prefeito, por meio do deputado, consegue atingir determinados setores do poder público que antes ele não atingiria, possibilitando facilidades e benefícios para o município. A contrapartida do *acesso* é tanto o *prestígio* das partes, quando se manifestam cooperativamente (o deputado apóia a campanha do prefeito que diz que vai trabalhar com o deputado, um conferindo prestígio ao outro), como o *compromisso* que um lado assume em relação ao outro (no caso, o político deve se mostrar capaz de corresponder à altura da confiança que o eleitor deposita nele, podendo retribuir o voto).¹⁶

O comício funciona como um jogo de cena, um espetáculo preparado para a ocasião, em que boa

15 Chamo a atenção para a construção da legitimidade do político, algo que acompanha a construção de sua pessoa - o candidato querido pelo povo, que se mostra comprometido em trabalhar em prol do "bem comum", destaca-se e se mostra como um representante legítimo, que poderia / deveria ser eleito. A legitimidade aqui está ligada ao comportamento e perfil que se espera de quem vai ocupar aquele cargo. SILVA (s/d) oferece interessantes exemplos da construção da legitimidade em outro contexto bem diferente, o Timor-Leste. Em um país recém-independente e com um recente passado de guerras e guerrilhas, as dimensões do sofrimento, da luta pela independência e da dignidade credenciam ou desautorizam os candidatos a serem eleitos, conforme eles consigam articular estes elementos em suas campanhas.

16 As noções de prestígio e compromisso são mais bem desenvolvidas em Goldman (2006), "Capítulo 4 - 2000: Eleições", em que o autor as apresenta nos discursos nativos e demonstra como as mesmas se atualizam no contexto de Ilhéus. Parece-me que estas categorias, bem como a de acesso, perpassam a representação popular da experiência política e seu entendimento é fundamental tanto para o político quanto para o pesquisador.

parte das pessoas que vão ao palanque sabe o protocolo que deve seguir. É a partir de regras bem definidas e do domínio da situação (onde está a capacidade de improvisar) que o político articula seu discurso e comportamento. Aproximar o comício de um teatro, no entanto, não significa que o que ocorre nele seja um falseamento da realidade – a eficácia do ritual depende justamente de sua capacidade de tocar em pontos relevantes e enraizados na vida das pessoas a quem o político fala. Ele “representa”, no sentido forte do termo, tornando presente e trazendo à tona questões e valores importantes para aquela coletividade (voltamos aqui ao *fato social total*). À medida que o político *faz* algo, performa, ele *comunica* e *diz* algo aos presentes. De maneira similar – e resgatando a proposição de Austin (1962) –, ao *dizer*, ele também está *agindo*, de modo que a fronteira entre aquilo que é *dito* e o que é *feito* se torna tênue: o candidato é praticamente empossado como prefeito durante os seus comícios, onde não se aventa a possibilidade dele não ser eleito. Dizer que “vamos ganhar com a ajuda de vocês” é, naquele momento e contexto, uma vitória – a capacidade de tornar a fala vitoriosa, de transformar a proposta de mudança em uma mudança simbólica atualizada (mas nem por isso menos real), de dar emprego, no e com o discurso, a toda aquela população, nisso consiste a eficácia da performance do comício.

De acordo com Peirano,

“os rituais partilham alguns traços formais e padronizados, mas estes são variáveis, fundados em constructos ideológicos particulares. Assim, o vínculo entre forma e conteúdo torna-se essencial à eficácia e as considerações culturais integram-se, implicadas, na forma que o ritual assume.

A ação ritual assim compreendida consiste em uma manipulação de um objeto-símbolo com o propósito de uma transferência imperativa de suas propriedades para o recipiente. O ritual não pode ser considerado falso ou errado em um sentido causal, mas, sim, impróprio, inválido ou imperfeito. Da mesma maneira, a semântica do ritual não pode ser julgada em termos da dicotomia falso / verdadeiro, mas pelos objetivos de “persuasão”, “conceptualização”, “expansão de significado”, assim como os critérios de adequação devem ser relacionados à “validade”, “pertinência”, “legitimidade” e “felicidade” do rito realizado.” (PEIRANO, 2002, p.27).

Por meio de um extenso aparato simbólico virtual, atualizado através da performance do ritual, o candidato constrói sua pessoa e por meio dela se comunica. Buscamos demonstrar sucintamente como certos valores são articulados (“mudança” e “progresso”) e alguns mecanismos aproximam o eleitor do candidato (como a noção de *compromisso* que eles mutuamente manifestam)

e lhes dão *prestígio*. O prefeito eleito em São Gonçalo do Sapucaí, Dito Cunha, teve 42% dos votos válidos e o maior comício daquela semana: parecia prenunciado a ganhar e, na sexta-feira (dia seguinte ao seu comício), a cidade inteira comentava a respeito – longe de fazermos uma relação direta entre o “tamanho do comício” e a quantidade de votos recebida pelo candidato, esta explicação era uma das várias oferecidas pelos são-gonçalenses. Desnecessário dizer que toda uma sorte de variáveis contribui para o desempenho eleitoral, conforme apontam Márcio Goldman e Ronaldo Sant’anna (1996), e que escolher apenas uma delas como responsável pelo resultado é incorrer em um determinismo e em uma relação causal, certamente desconsiderando boa parte dos dados apreendidos em São Gonçalo do Sapucaí. Mas o comício apresenta particularidades:

“No comício é como se estivesse reunida toda a sociedade e não apenas uma parte dela e, ao contrário do cotidiano das áreas estudadas, em que as relações sociais são basicamente individualizadas, qualquer que seja o código utilizado (parentesco, compadrio, amizade, proteção), nos comícios, elas são categorias. De um lado, ‘os do palanque’, de outro, ‘os de baixo’.” (PALMEIRA & HEREDIA, 1994, p.85).

“O que há de específico no comício é a objetificação transformada dessas categorias de pensamento que hierarquizam a sociedade em categorias sociais, por assim dizer, palpáveis — o palanque ou os políticos por oposição aos de baixo ou o povo — co-extensivas a uma suspensão das relações individualizadas que fazem o dia-a-dia. (...) O palanque instaura uma distância divisória entre os que sobem no palanque — ou, mais precisamente, entre os que ‘formam’ um palanque ou têm a possibilidade de fazê-lo — e os de baixo, os excluídos do palanque.” (Idem)

A importância do comício reside justamente no fato de que, sendo uma “dramatização de uma situação fundadora, em que os de cima e os de baixo da hierarquia social se encontram para definir modalidades de relacionamento” (Ibidem, p.89), ele oferece os padrões de conduta entre as partes e uma circunstância privilegiada para a manifestação pública da força de um grupo. Sua ligação com a *noção de pessoa*, então, é patente – conforme demonstrou Chaves (1996), situações festivas são espaços distintos para a dramatização e atualização da categoria *pessoa* que, “tomada em sua dimensão política, é aquele eixo ideológico que conforma o sistema como uma totalidade coerente” (p.131). Tanto o tamanho do comício quanto o desempenho dos candidatos nele são avaliados pelos eleitores no processo de decisão do voto. Um comício pequeno é expressão de fraqueza; um

mau pai de família não está autorizado a governar. Não obstante, o estudo da política no interior de Minas Gerais nos revela que a *pessoa da política*, a que está autorizada a subir no palanque e ser "de cima", diferencia-se posicionalmente dos que estão "em baixo", na mesma medida em que, quase paradoxalmente, busca se aproximar simbolicamen-

te, tentando se mostrar uma "pessoa do povo" ou um "bom cristão". Independente das escolhas, há uma unanimidade em São Gonçalo do Sapucaí: o *bom político*, eleito, desaparece – conforme apontou Mauss, a categoria *pessoa* é sensível, delicada e contingente (2003b, p. 389) – delicada demais, ao que parece, para suportar uma eleição.

Submetido em Março de 2009
Aprovado em Junho de 2009

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- AUSTIN, John Langshaw. (1962). *How to Do Things With Words*. Cambridge: Harvard University Press.
- CHAVES, Christiane Alencar. (1996). Eleições em Burity: a pessoa política. In: PALMEIRA, Moacir & GOLDMAN, Marcio (orgs.). *Antropologia, Voto e Representação Política*: 127-164. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. (1996 [1980]). 1933 - Micropolítica e Segmentaridade. In: *Mil Platôs*, vol. 3: 83-115. Rio de Janeiro: Editora 34.
- GOLDMAN, Marcio. (2006). *Como Funciona a Democracia — Uma Teoria Etnográfica da Política*. Rio de Janeiro: Sete Letras.
- GOLDMAN, Marcio & LIMA, Tânia Stolze. (1998). Como se Faz um Grande Divisor? Etnologia das sociedades indígenas e antropologia das sociedades complexas. In: *Sexta-Feira*, n. 3: 38-45. Rio de Janeiro: Editora 34.
- GOLDMAN, Marcio & SANT'ANNA, Ronaldo dos Santos. (1996). Elementos para uma análise antropológica do voto. In: PALMEIRA, Moacir & GOLDMAN, Marcio (orgs.). *Antropologia, Voto e Representação Política*: 13-40. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- KUSCHNIR, Karina. (2000). *O Cotidiano da Política*. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____. (2002). Rituais de Comensalidade na Política. In: BARREIRA, Irllys, HEREDIA, Beatriz & TEIXEIRA, Carla Costa. *Como se Fazem Eleições no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- LATOUR, Bruno. (1994). *Jamais Fomos Modernos*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- LEAL, Victor Nunes. (1949). *Coronelismo, Enxada e Voto - O Município e o Regime Representativo no Brasil*. São Paulo: Alfa Ômega.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. (2008 [1958]). Lugar da Antropologia nas Ciências Sociais e Problemas Levantados por seu Ensino. In: *Antropologia Estrutural*: 367-405. São Paulo: Cosac & Naify.
- MALINOWSKI, Bronislaw. (1976 [1922]). *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Editora Abril, Coleção Os Pensadores.
- MAUSS, Marcel. (2003a [1925]). Ensaio Sobre a Dádiva. In: *Sociologia e Antropologia*: 183-314. São Paulo: Cosac & Naify.
- _____. (2003b [1938]). Uma Categoria do Espírito Humano: a noção de pessoa, a de "eu". In: *Sociologia e Antropologia*: 367-398. São Paulo: Cosac & Naify.
- MERTON, Robert K. (1996 [1948]). The Self-Fulfilling Prophecy. In: *On Social Structure and Science*: 183-201. Chicago: University of Chicago Press.
- PEIRANO, Mariza. (1997). Antropologia Política, Ciência Política e Antropologia da Política. In: *Três Ensaios Breves*: 15-26. Brasília: Série Antropologia.
- _____. (2002). A Análise Antropológica de Rituais. In: _____. (org.). *O Dito e o Feito: ensaios de antropologia dos rituais*: 17-40. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- PALMEIRA, Moacir. (1996). Política, Facções e Voto. In: PALMEIRA, Moacir & GOLDMAN, Marcio (orgs.). *Antropologia, Voto e Representação Política*: 41-56. Rio de Janeiro: Contracapa.
- PALMEIRA, Moacir & HEREDIA, Beatriz. (1994). Os Comícios e a Política de Facções. *Anuário Antropológico*. Brasília: UnB.
- _____. (2006). O Voto como Adesão. In: *Teoria e Cultura*, v.1, n.1: 35-58. Juiz de Fora: UFJF.
- SILVA, Kelly Christiane da. (s/d). *Sofrimento, Dignidade e Reconhecimento. Fontes de legitimidade política no Timor-Leste independente*.

Agradeço ao meu orientador Professor Daniel Schroeter Simião, pelo diálogo permanente, e a Cláudia Marques Auharek, cuja presença está nas entrelinhas deste trabalho. Manifesto também minha gratidão com os são-gonçalenses e meus parentes que me auxiliaram no estudo empreendido – este trabalho é dedicado a eles.